

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS  
CAMPUS SOROCABA  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA, TURISMO E HUMANIDADES  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

STEFFANY GONÇALVES DADALTO

**RELIGIOSIDADE POPULAR: AS PRÁTICAS DO BENZIMENTO  
NAS FENDAS DA MODERNIZAÇÃO**

Sorocaba

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS  
CAMPUS SOROCABA  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA, TURISMO E HUMANIDADES  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

STEFFANY GONÇALVES DADALTO

**RELIGIOSIDADE POPULAR: AS PRÁTICAS DO BENZIMENTO  
NAS FENDAS DA MODERNIZAÇÃO**

Monografia apresentada ao Curso de  
Graduação de Licenciatura Plena em  
Geografia do Departamento de Geografia,  
Turismo e Humanidades da Universidade  
Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba.

Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Neusa de Fátima  
Mariano

Sorocaba

2023

Dadalto, Steffany Gonçalves

Religiosidade popular: As práticas do benzimento nas fendas da modernização / Steffany Gonçalves Dadalto -- 2023.  
43f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba  
Orientador (a): Neusa de Fátima Mariano  
Banca Examinadora: Marcos de Oliveira Soares, Débora Priscila de Oliveira  
Bibliografia

1. Geografia Cultural. 2. Religiosidade. 3. Benzimento. I. Dadalto, Steffany Gonçalves. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -  
CRB/8 6979

**STEFFANY GONÇALVES DADALTO**

**RELIGIOSIDADE POPULAR: AS PRÁTICAS DO BENZIMENTO  
NAS FENDAS DA MODERNIZAÇÃO**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação de Licenciatura Plena em Geografia do Departamento de Geografia, Turismo e Humanidades da Universidade Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba.

Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Neusa de Fátima Mariano.

Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Neusa de Fátima Mariano

UFSCar

Examinador

---

Prof. Dr. Marcos de Oliveria Soares

UFSCar

Examinador

---

Ms. Débora Priscila de Oliveira

Profa. do Estado de São Paulo

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho em memória de Joaquina e Tereza, minhas bisavós, que realizaram o ofício da fé e aos meus amados avós, João (*in memoriam*) e Marinalva que sempre serão grandes exemplos para mim.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao Sagrado por ter me amparado ao longo de toda esta jornada e por sempre guiar meus caminhos na caridade, no amor e na fé.

Agradeço aos meus pais, Adriana e Reginaldo, por toda luta e dedicação para que eu chegasse até aqui e o incentivo para que eu sempre continuasse meus estudos. Amo vocês.

Ao meu avô, João Batista (in memoriam), que sempre foi um dos meus exemplos de luta e que me mostrou o significado de humildade e simplicidade. Obrigada por continuar a cuidar de mim de algum lugar.

Agradeço imensamente à minha avó, Marinalva, por ter me criado, me incentivado a estudar, me ensinar a definição de coragem e força e que sem o amor à fé, não somos nada. Tudo que sou é por ela e se este trabalho foi iniciado, foi pela força da fé que ela me apresenta desde pequena. Minha eterna super heroína, te amo.

Sou grata às minhas queridas irmãs, Stella e Maria Luiza, por iluminarem meus dias e compartilharem dessa passagem na terra comigo. Espero que a partir deste grande passo, elas reconheçam o poder do conhecimento e cheguem mais longe que eu. Amo muito vocês!

Não posso deixar de agradecer a minha fiel companheira de todas as horas, Charlotte, minha cachorrinha, que esteve ao meu lado a cada página deste trabalho, que muitas vezes teve que me ouvir, enquanto eu papeava e lamentava a ausência da inspiração para escrever. Te amarei para todo sempre.

Meus agradecimentos aos meus tios William e Marcos (In memoriam) e primos Kathleen, Ise e Vinicius que de alguma forma contribuíram para que esse sonho se tornasse realidade. Jamais serei capaz de retribuir todo incentivo e carinho que recebi de vocês.

Só tenho a agradecer aos meus amigos, pelos puxões de orelha, conselhos e todo incentivo, vocês foram essenciais para que eu chegasse até aqui. Cada um com sua característica e seu jeito próprio de contribuir para tornar essa trajetória a mais agradável e divertida possível. Devo destacar que são muitos que contribuíram, não gostaria de esquecer nenhum, entretanto, ressalto alguns que foram complementares para a conclusão deste trabalho. Sem vocês ao meu lado esse trabalho não seria possível.

À minha querida amiga Eduarda por todos momentos de risada compartilhados nos momentos de ansiedade extrema, pelos bilhetes, chocolates e sorvetes, por todo carinho comigo, pelo axé, pelas tentativas com sucesso de me acalmar e mostrar que eu conseguiria concluir essa etapa com êxito.

À Nathalia, minha amiga brilhante e genial, por todas palavras de apoio e incentivo, pela ajuda extrema em tudo, mas principalmente em criar e organizar cada ideia que eu apresentava e me

trazer paz em cada caminho. Obrigada por me acompanhar em mais um ciclo que se encerra em minha vida.

E à Mariana, minha amiga de axé e cúmplice de conhecimento, obrigada por todo esforço em me ajudar na elaboração deste trabalho, pela leitura constante de cada parágrafo e cada avaliação do que poderia melhorar, mas principalmente, por não ter me negado apoio e incentivo em meio a todos obstáculos que a vida nos colocou.

Agradeço a Universidade Federal de São Carlos, desde os professores, amigos cultivados e a coordenação do curso. Sou grata a cada um dos colegas que me proporcionaram um ambiente de muito amor e conhecimento e que colaboraram para minha evolução e perspectivas de mundo. Agradeço a instituição e todos professores por proporcionarem um ensino de qualidade e alimentarem o sonho de cada discente.

Em especial agradeço profundamente a professora Neusa por toda calma, apoio e incentivo neste processo. Em meio a tantas dificuldades e crises, me acolheu, procurou me auxiliar a encontrar os melhores caminhos para o conhecimento e me deu suporte nos momentos em que eu pensava em desistir. Cito aqui suas palavras a mim que nunca esquecerei: “eu sempre acredito que é possível finalizar um ciclo ao qual a gente se propôs a realizar”. Minha infinita admiração e honra por estar realizando este trabalho com sua orientação.

Minha eterna gratidão à umbanda e mãe Oxum que me salvam e continuam a salvar todos os dias. Agradeço ao terreiro que me acolheu, Templo de Umbanda Caboclo Jupirama e Exu 7 Encruzilhadas, à Mãe Viviane e Madrinha Laís que me proporcionaram a oportunidade de fazer parte de um projeto iluminado chamado “Luzes do Amanhã” e a todos os guias que me mostraram a força que eu carrego. Laroyê, Seu Tranca Rua, Maria Brasinha e Seu Zé Pilintra!

Agradeço a todas benzedeiros que dedicaram suas vidas a este ofício tão lindo, levando a fé a todos que buscam a cura. Em especial agradeço a Ana Angela e Maria Estela por compartilharem suas histórias e ensinamentos. Vocês foram essenciais para a construção deste trabalho.

Por fim, agradeço a todos e todas que torcem e torceram por mim e que contribuíram de alguma forma para que eu estivesse concluindo essa etapa. Axé!

“Você tem fé? Se você tem fé já conseguiu”

Marinalva Dadalto, minha Vó



## RESUMO

A benzeção é uma prática com registros desde o período da Alta Idade Média, que permanece em ação e se modernizando ao longo dos tempos. No Brasil, o ofício se inicia no período colonial, em um momento que a medicina era escassa e com poucos profissionais. Neste contexto, o benzimento auxilia no tratamento e cura de diversas enfermidades que afligem o popular, permanecendo em atuação no período contemporâneo, existindo e resistindo em diversas localidades do Brasil. O presente trabalho propõe abordar a origem da religiosidade na vida do homem, analisar como se formou o sincretismo no Brasil Colonial, o contexto e desenvolvimento da benzeção, bem como as suas formas de manifestações através dos séculos, em um exemplo dentro da geografia cultural. Contando com uma pesquisa bibliográfica, essencial para a realização deste estudo, constituído por autores como Laura de Mello e Souza, Mircea Eliade, Silvia Federici e outros. A partir destes autores(as), busca-se compreender como se formou a prática das benzedeadas e suas características e adaptações, abordando relatos dessa formação e como eram vistas pela sociedade. O objetivo geral da pesquisa é compreender as benzedeadas populares de cura, considerando a tradição oral e o rito no processo de interação social, tendo como propósito compreender a origem, a formação e a permanência dessas práticas que estão atreladas à cultura, religiosidade e medicina populares, interpretando as relações interpessoais estabelecidas, as quais mantêm a tradição ainda atual. A pesquisa permitiu a análise do perfil de benzedeadas e a partir dela foi constituído o corpus deste trabalho.

**Palavras chave:** Cultura popular, Modernização, Benzimento, Geografia Cultural, Religiosidade.

## ABSTRACT

Benzecion is a practice with records from the period of the High Middle Ages, which remains in action and modernizing over time. In Brazil, the trade begins in the colonial period, at a time when medicine was scarce and with few professionals. In this context, the blessing helps in the treatment and cure of various diseases that afflict the popular, remaining in action in the contemporary period, existing and resisting in several locations in Brazil. This work proposes to address the origin of religiosity in man's life, to analyze how syncretism was formed in colonial Brazil, context and development of benzecion, as well as its forms of manifestations through the centuries, in an example within cultural geography. Counting on bibliographical research, essential for the accomplishment of this study, constituted by authors as Laura de Mello e Souza, Mircea Eliade, Silvia Federici and others. From these authors, we seek to understand how the practice of benzedeiros was formed and its characteristics and adaptations, addressing reports of this formation and how they were seen by society. The general objective of the research is to understand the popular healers, considering the oral tradition and the rite in the process of social interaction, with the purpose of understanding the origin, formation and permanence of these practices that are linked to culture, religion and popular medicine, interpreting the established interpersonal relationships, which keep the tradition still current. The research allowed the analysis of the profile of benzedeiros and from it was constituted the corpus of this work.

**Keywords:** Popular Culture, Modernization, Blessing, Cultural Geography, Religiosity.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1. AS ORIGENS DA RELIGIOSIDADE</b> .....	17
<b>2. RELIGIOSIDADE POPULAR BRASILEIRA</b> .....	25
2.1. DESDOBRAMENTOS DO SINCRETISMO NO BRASIL COLONIAL .....	26
<b>3. A SEMEADURA DA BENZEÇÃO</b> .....	30
3.1. O DESENVOLVIMENTO DO OFICIO .....	32
3.2. REZAS E OBJETOS DA BENZEDURA .....	33
<b>4. O BENZIMENTO ATRAVÉS DO CONTEMPORÂNEO</b> .....	37
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	41
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	42

## INTRODUÇÃO

O benzimento se apresentou em minha vida desde muito pequena, sempre tendo a benção das minhas bisavós ou de outras senhoras que praticavam o ofício. O interesse pelo tema iniciou com a minha vontade de desvendar os processos de benzeção, pois, em todo meu caminhar minha avó sempre me ensinou sobre como a fé nos cura e pode curar o outro, em meio a este cenário, ela sempre nos diz qual erva é boa para o malefício que estamos, faz chás para o alívio de dores e cura os ferimentos com as famosas garrafadas. Assim como ela me ensina, sua mãe um dia a ensinou e por meio da ancestralidade estamos conectadas nesse aprendizado contínuo.

No contexto de apresentar as características do benzimento, faz-se necessário abordar toda sua trajetória histórica, suas adaptações e mudanças ao avançar dos séculos. Desde a antiguidade, as práticas de benzimento estão ligadas à humanidade. O benzimento tem ligação com a espiritualidade e conhecimentos populares, que foram aprendidos por meio das técnicas e vivências. Além do conhecimento da utilização das plantas, reunia-se as experiências e saberes dos povos indígenas que se unificaram com os ensinamentos dos povos vindos da África. Saberes que interconectam com um pluriverso de mundo, criam-se redes e várias possibilidades de curar através de um enlace com o popular.

É fundamental realizar uma análise histórico-crítica dos processos instaurados ao longo da história que marcaram a sociedade, propondo-se um olhar aos contextos históricos mundiais, incluindo um recorte acerca do Brasil. Ao decorrer da leitura, os dados apresentados tem como princípio refletir e gerar conhecimentos a respeito das benzedeadas e sua religiosidade popular; apresentando a linha do tempo de adaptação da prática do benzimento nas rupturas da modernização.

A arte no ofício do benzimento é constituída pelo amplo espectro de perspectivas de vida e valores, dispendo de uma importância e significado verdadeiro e muito forte para aqueles que a utilizam. O benzimento é um modo de curar sem custo e de alcance, tendo um acesso muito fácil. Ela difunde uma perspectiva diferente de mundo, de social, de saúde, doença e corpo. Esta é uma perspectiva que se aproxima da experiência e do universo da população que utiliza (OLIVEIRA, 1985). Segundo Oliveira (1985, p.25) a benzedeadada “[...] é uma cientista popular que possui uma maneira muito peculiar de curar: combina os místicos da religião e os truques da magia aos conhecimentos da medicina popular”.

A partir das representações e costumes que as benzedeadas expressam a respeito de suas particularidades, entende-se a importância do benzimento no caminhar das mesmas. Faz-se necessário pontuar que não se pretende alegar ilegitimidade da medicina profissional e todo avanço científico em relação à saúde obtidos, mas a pesquisa carrega uma nova óptica de que é importante entender e

analisar os diferentes costumes que se fizeram úteis a determinadas épocas, na ausência de alcance de populações que não eram inseridos na medicina de fácil acesso.

Desta forma, em um ponto de vista territorial, é possível analisar como essa prática é muito presente na vida e cotidiano de mulheres pobres, iletrada e que moram no interior (OLIVEIRA, 1985). No campo, o benzimento sobrevivia como um fenômeno limiar a medicina profissional. Com a migração para o urbano, o benzimento tem a recriação através de algumas religiões, como a católica, kardecista, evangélica e de matrizes africanas. No urbano ela se faz presente principalmente pelos benefícios para essa população, povo humilde, pelo fácil acesso e usualmente pelo carecimento de recriar uma outra maneira de ler o mundo, a partir de questões que a medicina não compreende.

A construção desta reunião de conhecimentos neste trabalho, busca destacar a história dessas benzedoras para que sejam lembradas, e que os indivíduos tenham o conhecimento de quem são ou quem poderiam ter sido, visto que, essas mulheres não foram permitidas de obter o estudo da medicina profissional, mas estão ligadas às práticas de cura e cuidado. Este trabalho visa apresentar a importância deste ofício para a preservação da cultura e ampliar o conhecimento cultural, pois, a benção pertence a uma prática muito antiga que agregou e ainda agrega muito aos conhecimentos sociais. Para alguns intelectuais, a medicina popular pode ser considerada como primitiva, sem embasamento acadêmico e exatamente pela falta desse ensino técnico-burocrático é analisada como ultrapassada. Ignorar a relevância e importância desses ofícios é anular a história, as expressões e o elo da humanidade com a natureza. Resgatar esse conhecimento nos faz quebrar paradigmas propostos e estabelecidos pela sociedade, sendo fundamental esse estudo para o avanço da ciência e do rompimento de estereótipos e repressões na arte do benzimento.

O assunto atrela-se a Geografia Cultural, que conforme Corrêa (2009) tem como principal objetivo a análise e interpretação da produção simbólica e das manifestações da cultura, tanto a popular, como a erudita. Ao analisar a cultura popular têm-se o foco nos estudos dos utensílios, crenças, costumes, ritos e religiões que auxiliam a compreensão das relações e conexões entre os povos. Se observarmos, são diversos os valores e concepções de mundo na sociedade atual. Ao estudar a Geografia Cultural pode possibilitar um entendimento das diferentes manifestações culturais que estão muitas vezes em nosso cotidiano. Por meio desses estudos do popular apresentados de forma oficializada, demonstra o quão importante se torna o estudo desse meio.

Para a periferia, a importância no ofício do benzimento se configura principalmente pelo fato dela ser uma prática do cotidiano e da cultura popular, fazendo-se presente nas microrregiões, regiões e metrópoles e para as mulheres significa a conexão com o feminino e o poder sobre seus corpos. Ela contribui para a subsistência do espírito simbólico nas práticas do cotidiano desses sujeitos, na prática de religiosidade popular, acrescentando as dimensões do sagrado. A cultura popular junto da importância do sagrado, é o que gera a força para a população da periferia, constituindo um olhar

digno diante da sociedade e da própria vida.

Devido às benzedeadas se encontrarem tanto no meio religioso e na medicina popular, ela abrange as questões práticas e reais da vida dessa população e no intrínseco da mulher, deste modo sua presença carrega a segurança e a força para a comunidade. Existe essa procura pelas benzedeadas devido as pessoas de fato confiarem em seus conhecimentos e habilidades (LEMOS, 2010).

Para elaborar o estudo da proposta deste trabalho, as fundamentações teóricas se encontram na análise da cultura popular junto da religiosidade, da medicina popular com ponto central nas benzedeadas e principalmente na história do benzimento através do tempo. Com base em estudos da área de geografia cultural e antropologia.

Como analisado por Oliveira (1985) a medicina popular por ser uma ciência que se aprende nas vivências do cotidiano e também praticada por aqueles que não ingressaram em uma universidade carrega ao seu lado a ilegitimidade. Mas também nos apresenta um caminho, de que não se encontra apenas uma forma ideal e correta para todos, incluindo o caminho da cura.

Ao se realizar uma pesquisa com enfoque no benzimento é necessário fazer uma análise em diferentes perspectivas e horizontes, assim produzindo a reflexão desse conhecimento e debate, como defendido por Oliveira (1985). A princípio pode ser compreendida como uma resistência política, pois, é praticada por populações pobres, periféricas e iletradas e em sua grande parte mulheres.

O benzimento é uma parte da história de diversos grupos sociais e resiste ao longo de diversos processos idealizados pelo sistema moderno, colonial e patriarcal. Se estabelece nas manifestações vivas, partindo da noção política e cultural da sobrevivência dessa população na cidade e na luta contínua entre os dominados e os dominadores (OLIVEIRA, 1985). Antes era formada em uma afirmação cultural da população rural e atualmente procura estabelecer uma relação de cura humana e pessoal aos seus utilizadores.

Nesta perspectiva, serão analisadas também questões históricas que foram de destaque para a formação da sociedade brasileira. A colonização dos povos originários e africanos foi uma das conjunturas históricas mais marcantes para o desenvolvimento de princípios que até hoje perpetuam o social. Certamente, é possível destacar o grande interesse colonialista que visava a conquista das terras deste novo mundo, buscando a imposição violenta de outros modos de organização na sociedade para com as comunidades indígenas e aos africanos escravizados. Através dessa invasão, elaborou-se o conceito que se formou a missão dos colonizadores, a “salvação” dos povos originários e escravos. Com a doutrina cristã em ascensão, a dominação da comunidade de escravizados era admitida com fundamento no estatuto moral divino, sob o qual os colonizadores utilizaram como princípio para um genocídio de inumeráveis povos originários.

De acordo com Souza (1986), com a “descoberta” do Brasil, criaram-se formas de legalizar a colonização com seu ancoramento na fé, acreditando que o Novo Mundo era o céu, pois se

assemelhava as escritas bíblicas sobre o paraíso. Contudo é uma visão que não obteve contínuo, sendo posteriormente transformada em um ambiente “infernalizado”. Através da colonização se criou o universo religioso colonial, sendo uma mescla das religiosidades que se encontravam em território brasileiro. Souza afirma: "Traços católicos, negros, indígenas e judaicos misturaram-se pois na colônia, tecendo uma religião sincrética" (p. 97).

Outra autora em referência é Del Priore (2007), que analisa toda a história da mulher no período colonial no Brasil, constatando que as práticas de cura, bem como a benzeção, eram atribuições praticadas por mulheres que tratavam de toda comunidade, antes do surgimento de médicos. Práticas estas que começaram a ser consideradas magia, feitiçaria e curandeirismo, foram o ponto inicial para a perseguição tanto da igreja quanto da coroa, sendo uma tentativa de aniquilação de todo um patrimônio de saber empírico, que haviam preservado e compartilhado entre gerações (FEDERICI, 2017).

Para a autora Silvia Federici (2017) a perseguição à curandeira popular era uma das maneiras de expropriação do saber feminino. Com a chegada da medicina profissional, que a despeito de suas pretensões de cura, edificou uma muralha de conhecimento científico, sob o qual era inacessível e incomum para as “classes baixas”. Dessa forma, as mulheres passaram a ser categorizadas como ameaça à ordem que estava sendo imposta, sendo caçadas, vigiadas e punidas.

As mulheres até dado momento viviam em terras comunais, executando suas atividades coletivas e usufruindo de hábitos costumeiros, ao se iniciar o processo de privatização das terras no século XII, testemunharam a destruição de suas relações comunais e de todo o saber compartilhado entre elas, assim como suas relações com a natureza e os seus corpos, que durante e após esse processo começam a servir a produção e manutenção da mão de obra. Deste modo, as mulheres foram confinadas apenas ao trabalho doméstico não remunerado.

Todavia, é intrigante analisar que as mulheres idosas eram consideradas as que representavam mais perigo, em especial as que não tinham nenhuma conexão familiar, foram as maiores vítimas da exclusão e perseguição, em virtude desses atos, muito se esperava que se rebelassem rogando pragas e realizando roubos, que, seguiram conforme a crescente privatização das terras que se intensificou no século XVI. Em vista disso, ao longo dos períodos, o benzimento se manteve em resistência com essas mulheres que foram expropriadas de saberes ancestrais. Com base nos autores apresentados busca-se entender e apresentar como os processos históricos estão ligados na forma como o benzimento tem se ajustado.

Os métodos a ser utilizado como base foram através do levantamento bibliográfico, com artigos, livros, sites selecionados com o princípio de enriquecer e auxiliar o entendimento do tema escolhido. Para uma consolidação do tema, foi realizada a coleta de depoimentos orais de forma remota, de 2 benzedoras residentes de Sorocaba. O intuito foi entender, a partir da coleta dos relatos

obtidos, como o benzimento implica em sua vida e como se faz presente no mundo atual.

Os objetivos desse trabalho se propõem instigar conhecimento acerca das benzedeadas e seu ofício, mas principalmente, de entender como o ofício continua presente no mundo atual. Busca-se também, entender os meios que esse ofício se relaciona com a cultura popular. A fim de um melhor entendimento sobre o tema abordado, ressaltam-se algumas questões aos objetivos específicos, como: O benzimento se encontra em quais religiões? O ofício é apenas herdado por parentes? Como a religiosidade se apresenta no benzimento? E como o benzimento se estabelece em meio a um mundo globalizado?

Por fim, ao desenvolver essa relação das benzedeadas, analisa-se que desde os primórdios da cultura popular ela está inserida e no decurso dos anos foi acometida a apropriação desse saber e relevância para o popular, de maneira que seu estudo necessita da cientificidade metodológica que a pesquisa solicita para compreender os propulsores desses processos.



## 1. AS ORIGENS DA RELIGIOSIDADE

Previamente, faz-se necessário compreender todos os caminhos percorridos que resultaram no desenvolvimento histórico-contextual das benzedeadas na sociedade presente. Deste modo, discorrendo através de um olhar antropológico, analisa-se a influência e a contribuição dos primeiros hominídeos do Paleolítico Superior. Por meio de estudos antropológicos, arqueológicos, geológicos e históricos torna-se possível o estudo da origem da vida e a relação da humanidade com o sagrado, compreendendo como originou a construção de crenças espirituais e tendo a perspectiva de quando foi reconhecida a importância entre esse elo.

Não existem datações exatas do momento em que a humanidade cria o interesse e conexão com manifestações do divino, apesar de se tratar de uma era destituída de documentações escritas, tem-se a presença de artes rupestres encontradas ao longo da extensão terrestre, possibilitando desenredar as condições que foram postas de conexões e como presumivelmente, resistiu no espaço entre diversas décadas e séculos.

No passado, a formação do tempo se concebe de maneira heterogênea. Para sociedades antigas, são configurados orientadores do tempo, elementos da natureza como a terra, água, sol, lua, flores, animais e outros componentes, inclusive, um momento comum pode se tornar sagrado pela hierofania<sup>1</sup>. Assim, Eliade (1992, p. 13) apresenta considerações fundamentais para interpretar o processo de concepção entre o divino e o homem que condiciona o possível primeiro contato entre o misticismo:

Poder-se-ia dizer que a história das religiões – desde as mais primitivas às mais elaboradas – é constituída por um número considerável de hierofanias, pelas manifestações das realidades sagradas. A partir da mais elementar hierofania – por exemplo, a manifestação do sagrado num objeto qualquer, uma pedra ou uma árvore – e até a hierofania suprema, que é, para um cristão, a encarnação de Deus em Jesus Cristo, não existe solução de continuidade.

Neste sentido, na pré-história percebe o tempo como uma hierofania, visto que, a partir do tempo constroem-se as mudanças que se transcorrem e que se encontram no exterior dos seres humanos. O tempo determina a duração que cada acontecimento ocorre, o nascer de uma árvore até seu contínuo crescimento, o nascer e pôr do sol e as fases da lua que são confeccionadas pelo tempo sobrenatural ou tempo sagrado. Os primeiros hominídeos buscavam reviver esse processo do tempo por meio das produções artísticas nas paredes das cavernas, buscando representar o cotidiano vivido por eles que era acompanhado por um conceito mágico e sagrado.

Deste modo, com a preservação da arte rupestre possui-se um registo pré-histórico da busca pelo tempo sagrado, na tentativa de retornar ao tempo mítico. Isto se apresenta no empenho que os

---

<sup>1</sup> Hierofania: Termo utilizado para a manifestação e revelação do sagrado.

hominídeos primordiais realizaram para representar o tempo celestial, procurando viver na presença do divino. Assim, “Por consequência, o Tempo sagrado é indefinidamente recuperável, indefinidamente repetível. De certo ponto de vista, poder-se-ia dizer que o Tempo sagrado não 'flui', que não constitui uma 'duração' irreversível” (ELIADE, 1992, p. 38).

As hierofanias se apresentam em diversos contextos históricos da sociedade por meio de interpretações diferentes de cada civilização, se fazendo presente em espaços, festas, rituais, histórias contadas e em outros âmbitos. Assim como apresentado, elementos da natureza se identificam como hierofanias e para o homem, a natureza sempre esteve ligada ao sagrado, assim como Eliade (1992, p. 59) apresenta:

Para o homem religioso, a Natureza nunca é exclusivamente “natural”: está sempre carregada de um valor religioso. Isto é facilmente compreensível, pois o Cosmos é uma criação divina: saindo das mãos dos deuses, o Mundo fica impregnado de sacralidade. Não se trata somente de uma sacralidade comunicada pelos deuses, como é o caso, por exemplo, de um lugar ou um objeto consagrado por uma presença divina. Os deuses fizeram mais: manifestaram as diferentes modalidades do sagrado na própria estrutura do Mundo e dos fenômenos cósmicos.

Assim, identifica-se cada elemento da natureza com seu próprio recurso que contribui para a divisão do tempo e espaço para o homem primitivo, visto que, os elementos da natureza encarregam atribuições sagradas que instigam os seres humanos em sua funcionalidade. Entretanto, em cada período histórico, os elementos foram classificados de modo diferente, tendo um valor e uma ótica dissemelhante com base na cultura em que está inserido, como aqueles relativos às benzedeadas. Logo, a humanidade convivia em uma união integral com a natureza e sobretudo com os métodos de cura empíricos, envolvidos pelo mítico.

A revolução agrícola no período Neolítico foi um dos pontos de maior relevância para o homem neste momento, pois, a partir desta conjuntura, iniciou-se a sedentarização dos hominídeos que propiciou o conhecimento e exploração dos fenômenos naturais. Através desse progresso, os homens primitivos se desenvolveram em sociedades, corroborando ao intensivo uso da terra, onde pode plantar e colher frutos, iniciando, por conseguinte, manifestações religiosas mais afinco, incluindo rituais em modo de rogo aos deuses para que a colheita obtivesse bons frutos e abundância.

Com base em registros arqueológicos, uma das primeiras manifestações de civilização foi a dos Celtas, sendo estimado seu aparecimento na Idade do Ferro com sua territorialidade centralizada na Europa Ocidental, sendo a região que corresponde ao maior número de fontes históricas atribuída a esses povos (KRUTA, 1989). Em detrimento da cristianização e das diversas guerras por territórios, travadas com o Império Romano, os poucos resquícios históricos celtas cedidos contém adaptações e mesclas ao cristianismo e às culturas clássicas, com origem de escrituras latinas e gregas, assim como apresenta Kruta (1989, p. 13): “Quase tudo o que sabemos sobre os acontecimentos que marcaram os cinco séculos da proto-histórica céltica provém, portanto, de textos gregos ou latinos.”

Dessemelhante aos seus contemporâneos, os celtas possuíam práticas consideradas incomuns. Em contraposição às sociedades greco-romanas que realizavam suas práticas religiosas em templos, os celtas desempenhavam seus ofícios sagrados na natureza, havendo sacrifícios tanto humanos quanto de animais em oferta aos Deuses, ritual que se estabelecia devido a intensa conexão com o campesinato. As configurações sociais, culturais e éticas célticas, ocasionaram em uma interpretação muito negativa por parte das sociedades greco-romanas.

Um dos contextos sociais díspares era o papel da mulher na sociedade, em contraste dos outros povos, a mulher celta possuía um posicionamento social maior, se apresentava em diversos cenários e ocupava várias funções, conforme Federici “a posição das mulheres nos feudos não pode ser tratada como se fosse uma realidade estática” (2017, p. 53), pois as mulheres estavam presentes em diversas ocupações, “(...) como ferreiras, açougueiras, padeiras, candeleiras, chapeleiras, cervejeiras, cardadeiras de lã e comerciantes” (FEDERICI, 2017, p. 64).

As mulheres eram igualmente reconhecidas como um elemento da natureza, uma hierofania. Esta concepção se estrutura por meio da descoberta da agricultura e da ligação da mulher com a mesma, sendo a primeira a cultivar plantas utilizadas para alimentação, desta forma, “Foi ela que, naturalmente, se tornou proprietária do solo e das colheitas. O prestígio mágico religioso e, conseqüentemente, o predomínio social da mulher têm um modelo cósmico: a figura da Terra Mãe” (ELIADE, 1992, p. 72). Assim, elas empregavam diversos ofícios, sendo deusas da fertilidade, curandeiras, maternais, guerreiras e também correlacionadas a fauna e flora. Nota-se que os ciclos da natureza se configuram repetidamente, seja nas estações, migrações de alguns animais, e como já discurremos, fases da lua e florescimento de algumas plantas. A mulher também é um ser cíclico, dado que,

A mulher relaciona-se, pois, misticamente com a Terra; o dar à luz é uma variante, em escala humana, da fertilidade telúrica. Todas as experiências religiosas relacionadas com a fecundidade e o nascimento têm uma estrutura cósmica. A sacralidade da mulher depende da santidade da Terra. A fecundidade feminina tem um Modelo cósmico: o da Terra Mater, da Mãe universal. (ELIADE, 1992, p.71-72).

A partir da periodicidade da mulher e suas incumbências no concebimento da vida, diversos povos constituíram a identificação do feminino como origem natural da vida, que as encarregaram de um poder místico e religioso. Por meio disto, constrói-se o simbolismo do papel da mulher acompanhado do mundo sobrenatural, todavia, para outras sociedades são elaboradas concepções negativas, apresentando essas experiências femininas como fundamento do pecado, concedendo uma atribuição inferior na estrutura social.

Tem-se a necessidade de pontuar que na Idade Média não existia uma definição delimitada em meio o sobrenatural e natural, logo, a vida cotidiana e a fé no divino caminhavam unidas. No decurso do período medieval, a crença no místico era um dos fatores principais, ainda que contestada

e hostilizada pela igreja cristã. Primordialmente, as primeiras comunidades cristãs se originaram próximo aos séculos I e II, mas somente se tornaram uma religião oficial romana no século IV. Contudo, apenas posteriormente à queda do Império Romano que se projetou a imposição do cristianismo a outras classes e sociedade.

Por intermédio no declínio do Império Romano e a crescente instalação dos povos Celtas-Germânicos, iniciou-se o período da Alta Idade Média, estabelecendo a implantação do feudalismo, sendo os camponeses a base de consistência do sistema feudal, pois, segundo Federici (2017, p. 46), “O acesso à terra era a base do poder dos servos”. Por meio de uma análise da sociedade medieval, observa-se as relações coletivas entre familiares, sendo uma grande parte das tarefas executadas por servas com a cooperação de outras mulheres, sendo a base da proteção e do poder feminino, apesar da intensa imposição de submissão inserida pela igreja (FEDERICI, 2017).

Ao se iniciar o processo de privatização das terras no século XII, as mulheres testemunharam a destruição de suas relações comunitárias e de todo o saber compartilhado entre elas, assim como suas relações com a natureza e os seus corpos, que durante e após esse processo começam a servir como produção e manutenção da mão de obra. Deste modo, as mulheres foram confinadas apenas ao trabalho doméstico não remunerado. Contudo, é intrigante analisar que as mulheres idosas eram consideradas as que representavam mais perigo, em especial as que não tinham nenhuma conexão familiar, foram as maiores vítimas da exclusão e perseguição, em virtude desses atos, muito se esperava que se rebelassem rogando pragas e realizando roubos, que seguiram conforme a crescente privatização das terras que se intensificou no século XVI (FEDERICI, 2017).

Neste sentido, as mulheres mais velhas eram as portadoras dos saberes da natureza e do corpo feminino, sendo consideradas como possibilidade de corromper as mais jovens, podendo lhes ensinar sobre conhecimentos proibidos sobre controle de natalidade, que iam contra as novas regras que buscavam controlar seus corpos. Com isso, era necessário encontrar maneiras de extinguir esses conhecimentos e certificar o total controle da igreja sobre o poder feminino, a reprodução e o comportamento das mulheres.

No período da Baixa Idade Média, século XV, a Igreja Católica exercia uma intensa influência sobre muitas terras europeias. Neste momento, foi organizada “uma campanha de terror contra as mulheres” (FEDERICI, 2017, p. 294), realizando uma desagregação acentuada entre homens e mulheres, suscitando aos homens o medo do poder das mulheres e assim, devastando e desmantelando várias culturas, crenças, sujeitos e práticas que eram divergentes com a “disciplina do trabalho capitalista” (FEDERICI, 2017, p. 294). Faz-se necessário pontuar que o período de perseguição às mulheres não ocorreu no período de Idade Média, de acordo com Federici (2017, p. 294-295):

[...] Contrariamente à visão propagada pelo Iluminismo, a caça às bruxas não foi o último suspiro de um mundo feudal agonizante. É bem consagrado que a “supersticiosa” Idade Média não perseguiu nenhuma bruxa - o próprio conceito de “bruxaria” não tomou forma até a Baixa Idade Média, e nunca houve julgamentos e execuções massivas durante a “Idade das Trevas”, apesar de a magia ter impregnado a vida cotidiana e, desde o Império Romano tardio, ter sido temida pela classe dominante como ferramenta de insubordinação entre escravos.

Ao longo do século XV, a situação se transforma, conduzindo um período caracterizado por abalos estruturais, como epidemias de peste negra, rebeliões populares, a guerra dos cem anos, grande cisma e crises em todo sistema feudal. Nesta época, se apresentaram os primeiros julgamentos de bruxas e o desdobramento acerca do fundamento da bruxaria, a qual “foi declarada como heresia e crime máximo contra Deus, contra a Natureza e contra o Estado” (FEDERICI, 2017, p. 296 apud MONTER, 1976, pp. 11-7). A partir da datação 1435 até 1487, foram escritos vinte e oito bulas e tratados referentes a manuais inquisitórios (FEDERICI, 2017, p. 296), sendo em 1486 a publicação do livro inquisitorial mais conhecido, *Malleus Maleficarum* [O martelo das feiticeiras], em reconhecimento a bula papal, *Summis desiderantes*, de Inocêncio VIII, que declarava que a Igreja julgava a bruxaria uma nova ameaça (FEDERICI, 2017).

Na bula papal de Inocêncio VIII, é mencionada a renegação de pessoas de ambos os sexos, assim como em termos antecedentes, no entanto, os autores de *Martelo das Feiticeiras*, desconsideram a participação de homens entre os hereges, sendo o livro elaborado apenas acerca da mulher como “a bruxa”. Através do livro, as mulheres são apresentadas como mais sujeitas e penderes a ritos e conexões com o demoníaco devido a sua natureza, restabelecendo a analogia entre o texto bíblico Gênesis, como a introdução do “Martelo das Feiticeiras” (2017) escrita por Rose Muraro. No texto bíblico, Eva é definida como a mulher, a origem do pecado, que por sua fraqueza come o fruto proibido, sendo levada pela tentação da serpente e levando o homem à exclusão do paraíso, por também comer do fruto que ela o deu. A partir desta passagem, a mulher é relacionada à carne, natureza, paixão e à luxúria. No livro *Martelo das Feiticeiras*, os autores declaram que,

A mulher é mais carnal do que o homem, o que se evidencia pelas muitas abominações carnis. E convém observar que houve uma falha na formação da primeira mulher, por ter sido ela criada a partir de uma costela recurva, ou seja, uma costela do peito, cuja curvatura é por assim dizer, contrária a retidão do homem. E como, em virtude dessa falha, a mulher é animal imperfeito, sempre decepciona e mente (...) portanto, a mulher perversa é, por natureza, mais propensa a hesitar na fé, e conseqüentemente, mais propensa a abjurá-la – fenômeno que conforma a raiz da bruxaria. (KRAEMER; SPRENGER, 2017, p. 94- 95).

O período da Idade Média foi marcado pelo feudalismo, crises sociais e diversos embates territoriais, diante dessas circunstâncias, o curandeirismo se mostrou presente dado a necessidade. Essa carência foi exigida em detrimento da intensificação dessas adversidades, visto que, mulheres

camponesas e pobres não possuíam outro caminho para com a cura do corpo. Por meio do cultivo de ervas, procuravam a cura para os males que as acometiam e, por serem grandes observadoras dos ciclos da natureza e de seus corpos, desenvolveram conhecimentos iniciais de anatomia, remédios curativos, ervas e da alma, que foi acumulado e transmitido de geração em geração (FEDERICI, 2017). A cura do corpo se torna controle da medicina e a igreja que detém o domínio da alma, ademais, com o sistema feudal em ruínas e o surgimento de médicos, as confrarias de mulheres que trocavam conhecimentos e segredos de curas se transformam em ameaça. Como afirma Federici (2017, p. 24): “[...] o capitalismo precisou destruir: a herege, a curandeira, a esposa desobediente, a mulher que ousa viver só, a mulher obehah que envenenava a comida do senhor e incitava os escravos à rebelião”. Todas as mulheres que representassem perigo, seriam punidas ou reprimidas, principalmente aquelas que reproduzissem desobediência e potencial para realizar uma “destruição” ao desenvolvimento da humanidade, assim como Eva.

Em *Martelo das Feiticeiras*, os autores Kraemer e Sprenger (2017) buscam elucidar que não são todas as mulheres ameaças, apenas as que negam as ordens da igreja e de seus maridos. Apresentando desta forma, um projeto de “disciplinamento do corpo” definido por Foucault, que constituía uma tentativa da igreja e do estado de tornar os potenciais de cada sujeito em força de trabalho (FEDERICI, 2017, p. 240), assim como a demonização dos povos indígenas que atuou no argumento para a escravização e a depredação de sua cultura e recursos, as mulheres também participaram de um planejamento de expropriação. Assim “[...] A perseguição às bruxas, tanto na Europa quanto no Novo Mundo, foi tão importante para o desenvolvimento do capitalismo quanto a colonização e a expropriação do campesinato europeu de suas terras” (FEDERICI, 2017, p. 26).

O plano de espoliação de diversos povos e culturas se consolidou com a perseguição da igreja criando ramos por todos os territórios que chegou até metade do século XVIII, não sendo uma característica europeia. Dessa forma, a inquisição realizada na Europa também realizou sua passagem pela Terra de Santa Cruz. Com a chegada dos portugueses ao Brasil, foram elaborados diversos argumentos para legitimar e promover suas ações colonizadoras, com base em Mello e Souza (1986, p. 372):

A infernalização da colônia e sua inserção no conjunto dos mitos edênicos elaborados pelos europeus caminharam juntas. Céu e Inferno se alternavam no horizonte do colonizador, passando paulatinamente a integrar também o universo dos colonos e dando ainda espaço para que, entre eles, se imiscuisse o Purgatório. Durante todo o processo de colonização, desenvolveu-se, pois uma justificação ideológica ancorada na Fé e na sua negação, utilizando e reelaborando as imagens do Céu, do Inferno e do Purgatório.

Em um trecho da carta de Pero Vaz de Caminha, escrivão responsável por descrever as primeiras impressões do Brasil para a coroa portuguesa, é mencionada a cruz que foi levantada em

Porto Seguro e a missa que foi celebrada, sendo assistida pelos povos originários à distância. Nesta carta, Caminha declara que:

Parece-me gente de tal inocência que, se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos, visto que não têm nem entendem crença alguma, segundo as aparências. E portanto se os degredados que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa tenção de Vossa Alteza, se farão cristãos e hão de crer na nossa santa fé, à qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque certamente esta gente é boa e de bela simplicidade. E imprimir-se-á facilmente neles qualquer cunho que lhe quiserem dar, uma vez que Nosso Senhor lhes deu bons corpos e bons rostos, como a homens bons. E o Ele nos para aqui trazer creio que não foi sem causa. E portanto Vossa Alteza, pois tanto deseja acrescentar a santa fé católica, deve cuidar da salvação deles. E prazera a Deus que com pouco trabalho seja assim!

Em virtude, essa seria a justificativa do processo de colonização e cristianização desses povos que eram percebidos como desalmados e sem conhecimento, “transmitindo assim a incapacidade dos europeus em considerar as pessoas com as quais se encontravam como verdadeiros seres humanos” (FEDERICI, 2017, 384). Nota-se a semelhança nas narrativas bíblicas sobre o Jardim de Éden, pois, assim como descrito na passagem bíblica, os nativos andavam nus e não se constrangiam, um detalhe que Vaz de Caminha descreve como inocente, assim como Adão e Eva. Para Souza (1986, p. 35):

Ação divina, o descobrimento do Brasil desvendou aos portugueses a natureza paradisíaca que tantos aproximariam do Paraíso Terrestre: buscavam, assim, o acervo imaginário, os elementos de identificação da nova terra. Associar a fertilidade, a vegetação luxuriante, a amenidade do clima às descrições tradicionais do Paraíso Terrestre tornava mais próxima e familiar para os europeus a terra tão distante e desconhecida. A presença divina fazia-se sentir também na natureza; esta, elevada à esfera divina, mais uma vez retirava a presença de Deus no universo.

Afinal, “mais uma vez, a ideia de que Deus proveu a tudo, determinando que os portugueses descobrissem terras para colonizá-las, cristianizando-as; mais uma vez, a ideia de um “reino de Deus por Portugal” (SOUZA, 1986, p. 34-35). No entanto, essa percepção não teve um desenlace contínuo, visto que, com a permanência de portugueses no Brasil e o convívio com as alteridades dos povos originários, tornou-se paulatinamente, o que um dia foi avistado como paraíso em um inferno. A estadia portuguesa neste meio social sob a nova ótica, estabeleceu, simultaneamente, as terras brasileiras tomadas, como zona de purgatório, assim como apresenta Souza (1986, p. 77): “O Novo Mundo era inferno sobretudo por sua humanidade diferente, animalesca, demoníaca, e era purgatório sobretudo por sua condição colonial”. A partir desta concepção, constituiu-se a esperança de salvação das almas, que traz consigo exilados de Portugal, sendo esses, degredados criminosos e pecadores, iniciando uma migração das marginalidades e por fim posicionando a representação do purgatório, “O colono branco, através do ‘esforço honesto’, poderia de certa forma, controlar a duração do seu padecer” (SOUZA, 1986, p. 84).

No século XVI, sobre o solo da conquista, iniciou-se o processo de escravidão dos povos africanos no Brasil, que se desenvolveu seguindo as mesmas alegações, porém, em questão dos povos

africanos não houve nenhuma barreira que impedisse sua escravização, o que em contraposição dos indígenas houve muita pressão dos jesuítas sobre a Coroa para a proibição. Segundo Federici (2017, p. 358): “O diabo era representado como um homem negro, e os negros eram tratados cada vez mais como diabos”, negando ao escravo negro a condição humana, para ele não era nem mesmo imaginável o purgatório, assim “no sistema colonial, negros viveriam sempre no inferno, e brancos em purgatório” (SOUZA, 1986, p.84).

O sistema civilizatório colonial organizou a espoliação e ocultamento histórico dos saberes e conhecimentos tradicionais presentes nas comunidades originárias e escravizadas. Um sistema que deixou marcas tão profundas na cultura e na historicidade de diversas comunidades que até os dias atuais observa-se seus reflexos e suas influências. As identidades e culturas subalternas desenvolvidas ao longo dos tempos, apresentam como o poder cultural dos colonizadores, permanecem com ascendência desde os períodos coloniais.

Assim, o que se percebe na formação contextual-histórica da religiosidade é a intensa ligação com o ser humano de diversas formas, principalmente a partir da institucionalização da mesma. Não é possível entender religiosidade e religião sem a compreensão das manifestações da cultura e da natureza humana, desde seus aspectos genéticos e evolutivos, pois, a partir do entendimento do fenômeno religioso, compreende-se o desenvolvimento da sociedade como um todo. À vista disto, tem-se o exemplo de como a cultura do colonizador em união com a igreja se mantiveram em diversos momentos em conformidade na deliberação de extinguir as identidades e cultura dos povos colonizados, pode-se encontrar resquícios deste período até os dias atuais, nos permitindo analisar como a religião, um sistema sociocultural, se entrelaça profundamente nos arquétipos do sujeito-cidadão.



## 2. RELIGIOSIDADE POPULAR BRASILEIRA

Considera-se a benzeção uma manifestação da cultura popular que envolve o desenvolvimento dos aspectos acerca da religiosidade popular e que a partir do encontro de culturas se expressa a composição de uma fusão de práticas religiosas, conceituado como sincretismo. Deste modo, é necessário elucidar o que se entende acerca desses conceitos para estabelecer o que se pretende discutir neste trabalho.

Ao utilizar a expressão “cultura popular” apresenta-se a definição de um conjunto de práticas provenientes da população subalterna, conforme Satriani (1986). Assim, é imprescindível analisar essas práticas no interior do contexto histórico cultural e não como apenas resquícios do passado que serão apagados ao ter um encontro com as civilizações modernas. As manifestações populares precisam ser percebidas concomitantemente com contextos socioeconômicos e socioculturais, pois é composto por grupos sociais que expressam a cultura popular através da condição de vida e de diversas percepções de realidades. Como consequência da pressão cultural no mundo globalizado, o popular encontra fendas que permitem a adaptação de suas formas de expressões, preservando seu seguimento. A benzeção se apresenta na manifestação do popular, posto isso, é necessário refletir acerca do processo cultural no qual as benzedeadas estão inseridas e entender como ela foi provocada.

Para compreendermos a inserção das benzedeadas no desenvolvimento cultural, pontua-se a imprescindibilidade de analisar a religiosidade e o sincretismo, visto que, segundo Souza (1986, p. 97): "traços católicos, negros, indígenas e judaicos misturaram-se na colônia, tecendo uma religião sincrética", formando uma mescla da religiosidade trazida pelo colonizador com a religião dos escravizados, degredados e outros invasores. Situada na esfera cultural, a religiosidade se caracteriza nas produções humanas que se transformam a partir dos fatores oriundos de uma expressão identitária, definindo-se como o sentimento da espiritualidade. Assim como Eliade apresenta, uma das concepções pela procura do religioso é a explicação e a interpretação da sociedade sobre os padrões empregados:

Basta dizer que o “sagrado” é um elemento da estrutura da consciência e não um estágio na história da consciência, o mundo deve ter um sentido para o homem, pois o mesmo não pode viver no “caos”, é provado que nos níveis mais arcaicos de cultura, viver como um ser humano é em si, um ato religioso, pois a alimentação, vida sexual e trabalho possuem um valor sacramental, por outras palavras, ser ou tornar - se um homem, significa ser religioso, a vida humana adquire sentido ao imitar modelos paradigmáticos revelados por seres sobrenaturais, a imitação desses modelos constitui uma das características primárias da “vida religiosa”, que é indiferente à cultura ou a época (ELIADE, 1969, p.10)

Como discorrido na seção anterior, desde os primeiros hominídeos à muitas sociedades modernas houve práticas de religiosidades que perduram até os dias atuais. Desta forma, analisa-se a religiosidade popular como a sobrevivência de práticas e crenças preexistentes ao cristianismo que

resistiram e alcançaram a contemporaneidade, sendo muitas vezes transmitida no âmbito familiar de geração em geração. A religiosidade sendo parte da cultura popular repassa suas tradições da mesma maneira, a partir da oralidade, tendo práticas e ritos perpetuados e conservados por meio da manifestação verbal.

O popular está profundamente ligado a aspectos culturais e sofre com a ausência de recursos, logo, utiliza de seus conhecimentos empíricos para obter esse meio. Neste ponto, insere-se a benzeção popular brasileira que nasce da necessidade de um povo, na tentativa de curar os males que afligiam a população na qual estavam inseridos, combinando a religiosidade e o conhecimento medicinal em auxílio para a população. A benzeção popular se caracteriza pelas rezas de cura, porém, não são ensinadas por padres, são rezas regulares que se alteram e se adaptam aos meios em que se encontram, todavia, embora no Brasil Colônia o catolicismo tenha sido difundido de maneira hegemônica, não houve uma instauração absoluta. Conforme aludido, o sincretismo encontrou seu espaço para crescer no campo da religiosidade, sendo praticado de uma maneira destoante dos locais de origem, que se funde com novas características no processo que se contrapõe com outras manifestações religiosas (MACEDO, 2008).

## 2.1. DESDOBRAMENTOS DO SINCRETISMO NO BRASIL COLONIAL

O sincretismo de imediato era algo presente no catolicismo advindo de Portugal, que era composto pela conexão e simpatia aos santos e principalmente pela associação deles a elementos da natureza, considerados atos pagãos que foram observados desde o século XV e acarretaram a guerras católicas e protestantes na tentativa de apartar paganismo e cristianismo. Como apresenta Souza (1986, p. 91): “O apego desmedido às missas, às procissões, revelava um exteriorismo que não seria tão especificamente português - como quiseram tantos autores -, mas europeu e impregnado de magismo, afeito antes à imagem do que à coisa figurada, ao aspecto externo mais do que o espiritual”, assim, o catolicismo europeu era incutido por paganismo e heresia, não sendo diferente do Brasil colonial, que também apresenta essa dualidade.

No Brasil, Hoornaert (1974) apresenta três sincretismos dentro da cultura brasileira, sendo o catolicismo guerreiro, patriarcal e popular. O primeiro e segundo concerne aos portugueses, o último refere aos africanos, indígenas e gentios. O catolicismo guerreiro pertence ao confronto de catequização no primeiro instante de chegada dos jesuítas; o patriarcal se estabelece para manter a ordem em um formato sacralizado, como agente da conservação da ordem escravocrata e um modo de privar os escravos, restringindo as capelas próximas à casa-grande açucareira, conforme Souza (1986, p. 87): “A religiosidade subordina-se, desta forma, à força aglutinadora e organizatória dos engenhos de açúcar, integrando o triângulo Casa Grande - Senzala - Capela”; e o último, o popular, a religiosidade “livre”, praticada pelos marginalizados, se estabelece como uma interpretação da

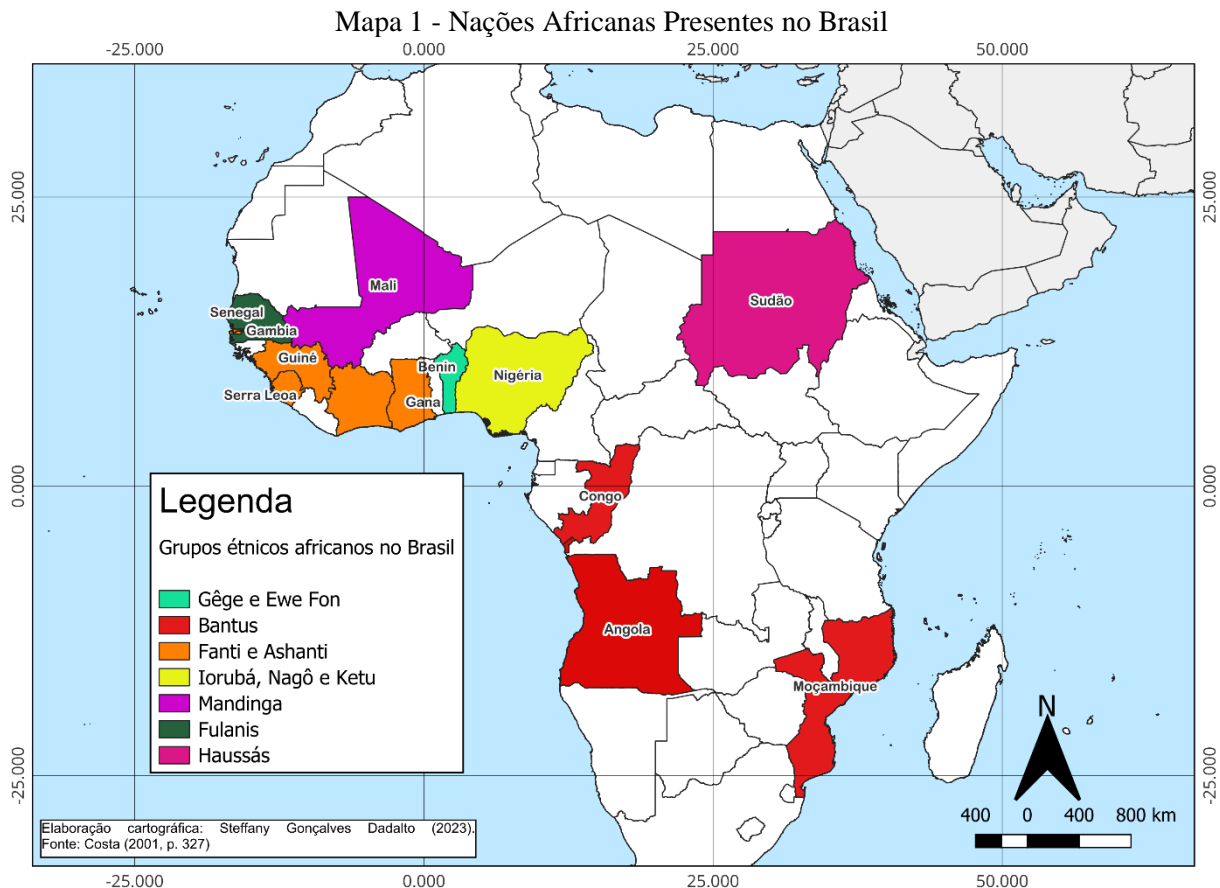
mensagem católica que floresce nos aldeamentos de indígenas e quilombos africanos. Em foco ao popular, Hoornaert apresenta (1974, p. 140): “O verdadeiro sincretismo procura os caminhos da fraternidade. A fraternidade perdida por causa do colonialismo será estabelecida a partir dos pobres, que já começam a vivê-la em pequenas comunidades”.

Com a chegada dos portugueses às terras brasileiras, a religiosidade indígena foi inserida em um processo de reinterpretação e adaptação (MACEDO, 2008), uma forma de organizar o êxito da catequização transformando elementos religiosos indígenas em católicos. Com suporte da Companhia de Jesus, os padres vindos de Portugal iniciaram o aprendizado da língua tupi-guarani com o objetivo de realizar a propagação do catolicismo por meio dela. Os jesuítas buscaram através de associações do bem e mal cristão, que não se conhecia na cultura indígena, inferiorizar as entidades indígenas, como Jurupari que foi denominado como Diabo, uma entidade animista que garantia a ordem pelo medo do que se encontrava na mata, amedrontando capturar meninos e mulheres desobedientes. Outra prática posteriormente difundida no sincretismo, é a figura do pajé, “palavra usada para se referir à pessoa que é reconhecida como tendo poderes sobrenaturais para curar, por meio dos encantados e de remédios feitos com produtos da floresta. Os pajés podem também prever se o paciente tem cura ou não” (VAZ FILHO, 2016, p. 16-17), que se transforma na pajelança, sendo utilizadas as mesmas bases indígenas, mas pode-se encontrar também a devoção aos santos católicos.

Assim como as crenças indígenas, as religiosidades africanas receberam formas distintas aos do continente africano (MACEDO, 2008), se tornando uma característica da religiosidade brasileira praticada pelos escravos, sendo resultado do contato entre várias nações distintas do continente africano que apoiado na fusão do sincretismo se transforma a partir das influências do catolicismo português e da religiosidade indígena. Com início do século XVI, estabelece-se o tráfico de escravos vindos da África, para a substituição da mão de obra indígena. Costa (2001, p. 328) apresenta: “A introdução do cultivo da cana de açúcar vai provocar uma demanda crescente de mão de obra africana, sobretudo se constatou a superioridade desta, comparada com o trabalho realizado pelos índios. O tráfico tornou-se tão intenso que logo provocou interesse comercial no próprio continente africano.”

Neste contexto, os povos africanos eram retirados contra sua vontade de sua terra, transportados de maneira miserável para outra e subitamente se encontravam na condição de subordinados, tornando-se escravos em um país adventício, com práticas, línguas e religião diferentes. Os africanos que desembarcaram no Brasil eram classificados e vendidos separadamente por nações, na incumbência de evitar que organizassem uma revolta, mas, uma consequência dessa fragmentação foi o desempenho na preservação de diversas identidades culturais e tradições religiosas africanas.

O resultado desse agrupamento de escravos em "nações", isto é, a partir da origem étnica, foi que puderam conservar melhor e, por mais tempo, as suas atividades de reis e rainhas (mesmo que pouco a pouco se fossem reduzindo a manifestações folclóricas e gerassem os reis de Maracatu e do Carnaval), dos instrumentos, da música, dos tipos de danças, das palavras africanas, assim como conservarem muitas comidas de origem das suas terras. Na verdade, constatou-se uma mobilização espantosa, pois foram as "nações" inteiras que vieram para o Brasil. A política dos negros em "nações", além de permitir a perpetuação das tradições culturais e religiosas, permitiu um desenvolvimento de solidariedade e permitiu também a recriação das etnias por agrupamentos (COSTA, 2001, p.356).



Fonte: Dadalto, Steffany (2023)

Deste modo, eram espontâneas as especificidades da religiosidade africana no Brasil, pois, se fundiram e coexistiram uma diversidade de etnias (MAPA 1). São identificados três grupos étnicos africanos no Brasil, conforme Costa (2001, p. 327): “Os de cultura sudanesa: iorubás advindos da Nigéria (Nagô, Ketu etc.); povos do Benin (Gêge, Ewe Fon) e os Fanti e Ashanti do Gana, Costa do Marfim, Serra Leoa, Gâmbia e Guiné; Bantus, vindos do Congo, Angola e Moçambique; Sudaneses islamizados como os Fulanis, Haussás, Mandiga etc.”, que a partir do convívio entre cada um, ocasionou na pluralidade de cultos, sendo estes:

- Macumba, praticados, sobretudo, no Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo;
- Batuque, Rio Grande do Sul, de origem banto como a anterior;
- Casa de Mina, praticados por Nagôs no Maranhão;

- Candomblé, na Bahia por sudaneses;
- Encantaria ou pajelança, no Amazonas e Pará, misturados com cultos indígenas;
- Catimbó, no Nordeste brasileiro, com influências africanas, indígenas e do catolicismo popular europeu;
- Umbanda, culto influenciado pelo espiritismo kardecista baseado na idéia de “reencarnação”, em religiões afro-brasileiras, cultos indígenas e no catolicismo popular;
- Xangô, difundida no Nordeste (Costa, 2001, p. 327).

Bastide (2001) aborda que nas áreas de grandes plantações, locais que se configuravam pelo número alto de escravos, foram chaves para constituir uma inter-relação com os senhores do engenho e parcialmente para que perpetuasse os valores e tradições africanos. Porém, para a reprodução era fundamental que se firmasse em datas definidas de festas católicas, “os negros das plantações comungaram também em festas, renovaram a força de seus símbolos, de seus valores, de seus ideais na reunião regular e em datas determinadas ao redor do fogo e ao som de atabaques” (BASTIDE, 1960, p. 71-72), promovendo o sincretismo entre diferentes práticas religiosas, sendo regularmente explícito. Todavia, a permissão dos senhores de engenho aos africanos para a prática de ritos foi concedida por ordem econômica, como apresenta Souza (1986, p. 93):

Antonil será talvez um dos primeiros a perceber como era importante, em termos de controle social e ideológico, deixar aflorarem manifestações sincréticas. “Negar-lhes totalmente os seus folguedos, que são o único alívio do seu cativo, é querê-los desconsolados e melancólicos, de pouca vida e saúde. Portanto, não estranhem os senhores o criarem seus reis, cantar e bailar por algumas horas honestamente em alguns dias do ano, e o alegrarem-se inocentemente à tarde depois de terem feito pela manhã suas festas de Nossa Senhora do Rosário, de São Benedito e do orago da Capela do Engenho...” diria Antonil.

Conforme Souza (1986, p.93): “uma colônia escravista estava, pois, fadada ao sincretismo religioso”, ainda que ocasionalmente concedido no primeiro instante pela classe atuante, o sincretismo composto pelos escravos foi um contexto existente que se incorporou com a proteção e conservação das religiosidades e ritos das religiões originárias africanas, sendo obrigados a se restabelecerem no ambiente que se encontravam no Brasil.

Portanto, identifica-se o sincretismo como uma das características que se configura nos países escravagistas do período, definindo o hibridismo cultural por meio das religiosidades, com o convívio de uma multiplicidade de etnias firmadas no mesmo local e que florescem nas frestas da frágil hegemonia católica. Outros fatores impulsionadores que garantiram a difusão foi a ausência de padres com formação obrigatória, a grande extensão territorial da colônia e a longitude geográfica entre a Coroa e a colônia. Neste cenário, a religiosidade popular viu seu espaço para surgir com maleabilidade e reinterpretções que sincretizaram preceitos religiosos, assim como a atividade foco deste trabalho, o ofício de benzimento.

### 3. A SEMEADURA DA BENZEÇÃO

O ofício da benzeção em território brasileiro tem seu alvorecer no Brasil Colonial, sendo oriundo da Europa. Uma atividade muito comum no período da Alta Idade Média, assim como apresenta Laura de Mello e Souza (1986, p. 183-184): “Benzer animais era comum as sociedades europeias desde a Alta Idade Média. Gregório de Tours deixou um relato notável deste costume: touros, ovelhas, porcos que eram levados para bênção ritual e tornavam a basílica semelhante a um rancho texano de hoje”. Costume realizado por camponeses e instituído na iniciativa de diminuir a perda de animais essenciais à economia de subsistência.

Na Idade Média, a benção era cedida e permitida apenas para o clerical, constituído por padres e outros membros da instituição religiosa, todavia, ao longo do tempo pessoas comuns inicializaram a prática de abençoar e benzer, em uma forma de tratar e curar males espirituais e físicos, auxiliando a comunidade que viviam. Por muito tempo foram práticas toleradas, mas no período de Baixa Idade Média e início da Época Moderna revelou-se o começo de uma onda de repressão, como revela Souza (1986, p. 184): “Em 1499, D. Manuel determinava que, juntamente com os feiticeiros, os benzedores fossem ferrados com um F em ambas as faces”. Nesse contexto, as mulheres que se envolviam com medicina eram vistas como bruxas, sendo estas curandeiras, benzedoras, parteiras e rezadeiras, as quais serviam de alternativa para muitos na falta de médicos. De acordo com Silvia Federici (2017, p. 364), conclui-se que:

Com a perseguição à curandeira popular, as mulheres foram expropriadas de um patrimônio de saber empírico, relativo a ervas e remédios curativos, que haviam acumulado e transmitido de geração a geração - uma perda que abriu o caminho para uma nova forma de cercamento: o surgimento da medicina profissional, que, apesar de suas pretensões curativas, erigiu uma muralha de conhecimento científico indiscutível, inacessível e estranho para as “classes baixas”.

Entretanto, com a ausência de médicos para cuidar de doenças cotidianas, ficou o ofício dessas mulheres de realizarem seus saberes de cura. A partir dos relatos que são apresentados na obra de Del Priore (2004), observa-se que as benzedoras e parteiras exerciam um papel associado à saúde no cosmo feminino, com base no manuseamento de plantas, ervas e outros elementos. Em consequência a suas sabedorias de cura, incitavam medo, mas também a confiança nas suas práticas, o que lhes garantiam prestígio (DEL PRIORE, 2004).

Ao longo deste período, a perseguição de mulheres e homens que praticavam ofícios de cura no Brasil Colônia eram incessantes, principalmente porque grande parte desses civis eram escravos que tinham cuidado médico negado, entretanto, a necessidade da medicina popular era crescente, dado que a maior parte dos profissionais daquela época indicavam incapacidade em sua formação e eram poucos os que tinham o conhecimento acadêmico e capacidade para atuar. Em frente a situação

que se encontrava, nada podia ser feito contra curandeiros, boticários e benzedores, assim, “curandeiras e benzedoras, com suas palavras e ervas mágicas, suas orações e adivinhações para afastar entidades malévolas, substituíam a falta de médicos e cirurgiões” (DEL PRIORE, 2004, p. 68). Contudo, são escassos os relatos do ofício da benzeção no Brasil, o que não expressa a ausência ou inexistência do ofício, conforme sinaliza Souza (1986, p. 184): “Nos tempos coloniais, a documentação fala muito pouco dos benzedores. Fica difícil dizer se realmente eram escassos ou se a Inquisição, as devassas episcopais e os demais poderes se importavam pouco com eles. Como o hábito de benzer perdura ainda hoje entre nós, a segunda hipótese parece ser a mais provável”.

Embora os conhecimentos de plantas e ervas adquiridos pelos benzedores tenham ocorrido de maneira empírica, no âmbito da vivência, no que concerne às particularidades de cura delas não há divergência do saber erudito que se encontra acerca, como evidencia Del Priore (2004, p. 76): “Tanto na medicina informal como na medicina erudita, as referências a plantas são uma forma de agressão ao mal, à doença, que se submete, assim, à vontade da oficiante. Atacando a enfermidade com a invocação do nome de certas plantas consideradas mágicas”. Utilizando desses conhecimentos específicos e curativos de plantas e ervas transmitidos por gerações, os benzedores vão pouco a pouco ressignificando algumas concepções de erudito e popular, que através dos processos de cura de enfermidades recorrentes, ocorrem unindo saberes religiosos, crença e a medicina popular. Assim, Oliveira (1985, p. 25) define a benzedora como: “[...] uma cientista popular que possui uma maneira muito peculiar de curar: combina o místico da religião e os truques da magia aos conhecimentos da medicina popular”. O ofício da benzeção apresenta a possibilidade de outros caminhos para a saúde, diferenciando-se dos caminhos impostos pela sociedade, pode-se pensar no benzimento como um caminho de obter a cura com uma relação humana e pessoal.

Atualmente, não se tem a dimensão da importância dessa prática, dos saberes da medicina popular e do elo familiar que atravessa o ofício praticado pelas benzedoras, sendo uma função que se manifesta em maioria na esfera familiar, na casa de vizinhos, amigos ou no bairro em que residem (OLIVEIRA, 1985). Essa herança cultural permanece viva até hoje, seja na zona rural, no urbano ou periférico. Nas aldeias, quilombos e meios urbanos, indivíduos continuam crentes na força das palavras e rezas, recorrem ainda hoje ao benzimento com o intuito de se protegerem, pois, a benzeção cura doenças do corpo e do espírito, doenças que o saber médico não alcança entender e tratar, como: quebranto, brotoeja, cobreiro, peito aberto, lumbago e outros. Além disso, elas utilizam-se do seu conhecimento em ervas específicas para cada tratamento, corroborando para uma extensa farmacopeia que inclui a produção artesanal de xaropes, curativos, unguentos, banhos de limpeza e garrafadas.

Por último, busca-se através deste estudo apresentar a necessidade de compreender e analisar a tentativa de cessar essa manifestação cultural-religiosa, afirmada sob a ótica do contexto social que

os indivíduos contemporâneos estão inseridos, uma sociedade capitalista que tece seus caminhos em um sistema desigual e medicalizado.

### 3.1. O DESENVOLVIMENTO DO OFICIO

A benzeção é um ofício que tem suas bases em crenças espirituais e é praticado através de um ritual que possui suas singularidades em cada novo rito e benzedor, “a religião de cada benzedora a orienta no seu ofício de benzer, que apresenta um conteúdo singular” (OLIVEIRA, 1985, p. 60) mesmo quando se cura a mesma enfermidade. Conforme Oliveira (1985, p. 59-60): “Na própria passagem dos ensinamentos dessas jaculatórias de uma benzedora para outra, elas vão se fragmentando, às vezes perdendo alguns elementos e ganhando novos”. Essas particularidades constroem o mais impressionante na benzeção, pois, se observa inúmeras formas de chegar ao mesmo propósito e através dos objetos e da maneira que conduzem o benzimento, curam diversas mazelas do espírito e do corpo.

Os procedimentos da benzeção se configuram pelo mistério que o cerca, trazendo a ternura e conforto para aqueles que constantemente não encontraram em outros locais ou com outras técnicas medicinais. A prática conta com objetos, orações jaculatórias, ervas, remédios naturais e orientações com muito cuidado de quem benze, um dos pontos principais que conduzem a busca por uma benzedora, os indivíduos que as procuram não é apenas por a considerarem uma curandeira, mas também uma conselheira. Embora o número de benzedoras tenha diminuído de tempos em tempos, a procura por esse campo popular de cura continua ocorrendo.

Segundo Quintana (1999), o processo ritual da benzeção se expressa em três fases, sendo: o diálogo, a benção e as prescrições. O primeiro contato que ocorre entre benzido e benzedor é o diálogo, uma conversa sobre os problemas, a vida e o que está acontecendo para ocasionar a procura por esta benzedora. A característica essencial é o diálogo que transpassa no campo da fraternidade, cuidado e fé estabelecida no interior do objeto da benção e do indivíduo.

Após o primeiro elo, a benzedora desenreda o benzimento, podendo realizar-se de vários modos, sendo por meio da declamação de orações e jaculatórias, gestos das mãos em cruz sobre o indivíduo benzido e também utiliza de outros objetos sendo raminhos de ervas, panos, facas, agulhas e etc. É através dessas benzeduras que se extrai a resolução das mazelas físicas ou espirituais, alcançando o objetivo: a cura por meio da fé.

Após a benzeção, inicia-se o processo da prescrição, esta acontece de diversas formas, uma vez que dependem do sintoma relatado pelo benzido ao longo do diálogo. Neste último momento, a benzedora expõe o que identificou e sentiu no decorrer da benzeção e prescreve chás, ervas, banhos, unguentos, acender velas e garrafadas. Destaca-se um fato muito importante e determinante para que



o tratamento seja efetivo: a fé. As práticas de benzeção não necessitam das explicações científicas, apenas que a pessoa acredite na cura e tenha fé.

### 3.2. REZAS E OBJETOS DA BENZEDURA

A benzeção desenvolve diversos símbolos e conceitos que desempenham o efeito da benção sobre o benzido, construindo e formando a cada benzimento um cosmo místico acerca do ofício. Antes de iniciar e no processo de descoberta da enfermidade, a benzeadeira define qual objeto será empregado para a benção, executando no formato que considera mais aconselhável e intuitivo para a total obtenção da cura, sendo está a particularidade que possibilita a percepção da diversidade e inclusive do sincretismo que decorre em cada ritual.

No interior dos ritos, cada objeto atribui propriedades específicas para a cura que se procura. Quintana (1999) apresenta alguns objetos que compõem os procedimentos utilizados, encontrando o uso de agulhas, panos, brasas, águas, óleos, terço, sal e outros, formando uma diversidade de objetos, mas que apesar da variedade cada um revela um significado no decurso do benzimento.

Um dos objetos mais utilizados pelas benzeadeiras, especialmente de religião católica, é o terço. De acordo com Moura (2009), o terço simboliza a representação de completude e singularidade, envolvendo o indivíduo com o terço. Assim a benzeadeira o contorna em um círculo de cura bloqueando a entrada de enfermidades e males contra o corpo do benzido. Outro objeto muito utilizado é a faca, manuseada em conjunto com o caule de uma planta ou ramo que guia a simbologia da faca realizando o corte da doença e detendo que tenha um avanço. Em seguida, ao finalizar a benção, é posto o caule ou ramo cortado em um local afastado na residência e aguarda até que seque totalmente, secando da mesma forma a mazela. O benzimento com faca usualmente é elaborado para doenças como “erisipela” e “cobreiro”, utilizando orações que guiam o benzedor.

#### **COBREIRO**

Na proteção do sinhô  
que fez o céu e a terra,  
eu entrei em Roma, em romaria  
benzendo cobra, cobraria.  
Corto cabeça, corto meio, corto cobreiro.  
Mal entrei em Roma, romaria,  
benzendo lagartixa, lagartixaria,  
corto cabeça, corto rabo, corto meio.  
Entrei em Roma, romaria,  
corto cabeça, corto meio, corto rabo, corto cobreiro.  
Mal entrei em Roma, romaria  
benzendo sapo, saparia,  
corto cabeça, corto meio, corto meio, corto rabo,  
corto cabeça, corto cobreiro,  
com os poderes de Deus e da Virgem Maria. (OLIVEIRA, 1985, p. 54-56)

## COBREIRO

Que corto eu (dizer o nome do fulano)  
 Com os poderes de Deus e da Virgem Maria?  
 Corto sapo, sapão, aranha, aranhão,  
 Bicho, bichão, cocha, cochão,  
 Cobra, cobrão, de toda Nação.  
 Com o rosário de Nossa Senhora  
 E com o evangelho de São João, eu te corto.  
 E antes que tu cresça,  
 Eu te corto o rabo,  
 A cabeça,  
 As mãos  
 E os pés.  
 Com o nome de Deus e da Virgem Maria. (TULLIO, 2014, p. 30)

O ramo de erva também se faz presente em muitos rituais de benzeção, sendo uma das maneiras mais comuns de benzedura. Muitos dispõem de variadas ervas em seu próprio quintal, dessa forma auxilia para que a cada nova benzeção um novo ramo seja colhido. Em benzeções de mau olhado, o ramo recebe o papel de receber tudo que estiver no corpo do benzido e ao fim do ritual o ramo murcha, que na linguagem de benzeção significa que o benzido estava carregado. Ao benzer com o ramo acompanhado de gestos do sinal da cruz, a benzedeira suplica orações que são escolhidas muitas vezes conforme sua intuição.

Cada um dos objetos envolve seu significado, particularidade e alcance, sendo manuseado conforme a precisão e representam um papel muito importante para o ofício, pois auxiliam no benzimento para que a cura seja instantânea, a partir disto, podendo iniciar um tratamento da enfermidade com a assistência de elementos naturais prescritos pela benzedeira, indicando como confeccionar, a dosagem a ser utilizada e as contraindicações. O uso de ervas medicinais é integrado no tratamento com ervas como alecrim, arruda, capim santo, guiné, espada de São Jorge e etc. É indicado também o uso dessas ervas no preparo de garrafadas, chás, xarope, banhos, escalda pés e outros tratamentos naturais.

A utilização de ervas e suas propriedades medicinais estão constantemente presentes no mundo do benzimento, representando o remédio e a limpeza para as enfermidades que se apresentam no indivíduo benzido. O uso de ervas estão presentes desde os primórdios, em maioria vinculado às atividades de agricultura executadas pelas mulheres, evidenciando e afirmando a profunda ligação da mulher com a natureza, como apresenta Del Priore (2004, p. 79): “As mulheres e suas doenças moviam-se num território de saberes transmitidos oralmente, e o mundo vegetal estava cheio de signos das práticas que as ligavam ao quintal, à horta, às plantas. O cheiro do alecrim era considerado antídoto contra os raios; seus ramos tinham poder contra feitiços”.

As ervas mais encontradas nos ritos são alecrim, arruda e guiné, mas possui-se muitas outras e com diversos benefícios, além do que são citados a seguir. O alecrim conta com propriedades que auxiliam na melhora da circulação sanguínea, da memória, de problemas respiratórios, impulsiona o bom humor e muito usada para banhos de equilíbrio; Arruda tem um aroma forte e com propriedades medicinais para doenças como reumatismo, dores no ouvido, verme e por ser muito forte é considerada abortiva e por último, Guiné conhecida também como amansa-senhor, foi muito utilizada pelos povos africanos na função de debilitar os senhores de engenho (CAMARGO, 2012), sendo usada também para a cura de picada de animais venenosos e assim como arruda, usada para banhos de desequilíbrio ou expelir obsessões espirituais. São ervas usadas nas benzeções contra mau-olhado e quebrante:

### **MAU-OLHADO**

Com um ramo de alecrim na mão, repetir 3 vezes nas costas e 3 na frente da pessoa:

“Virgem Mãe da Conceição  
Mãe do poderoso Deus  
Tirai este mal, este quebranto  
Do corpo de...  
Deus te fez, Deus te criou  
Deus perdoa, a quem mal te olhou  
Em louvor à Virgem Maria  
Padre Nosso e Ave Maria” (TULLIO, 2014, p. 84)

### **QUEBRANTE**

Pegue um copo com água e um galho de arruda. Molhe o galho na água e vá benzendo a pessoa [...]

Ao final, coloque o galho dentro do copo. Se o galho afundar, a pessoa estava cheia de quebranto. Leve a pessoa que está sendo benzida para fora da casa, vire-a de costas para a rua, se posicione de frente a ela, com suas costas viradas para a casa, e jogue o galho por cima dos ombros dela [...].

Enquanto está benzendo diga:

Mal do ar, mal do mar, mal do fogo, mal da lua, mal das estrelas, mal do ponto do meio-dia, mal do ponto da meia-noite. Se tiveres com quebranto, mau-olhado, feitiçaria e bruxaria, em nome de Deus e da Virgem Maria, seja levado para as ondas do mar sagrado, onde não canta o galo nem a galinha e nem tem criancinha chorando e nem cristão batizado. Depois rezar um Pai-Nosso e uma Ave-Maria (MENEZES, 2019, p. 113-114)

Embora o manuseamento das ervas auxilie na cura, o fundamento da benzeção é a oração que envolve toda conjuntura. As orações e jaculatórias irão refletir na cura espiritual estabelecendo a conexão entre o sagrado e o benzido. Neste ponto, “no ato da benzeção, as jaculatórias se mesclam ao uso das orações consagradas pelo código católico erudito, como as do Pai-Nosso, a Ave-Maria, o Glória-ao-Pai” (OLIVEIRA, 1985, p. 59), concebendo uma multiplicidade de elementos que se

apresentam e unificam, pois, a religião de cada benzedeira orienta e guia no ofício de benzer em conjunto com a religião católica, constituindo um hibridismo entre essas religiões.

Na cidade a benzeção se recria, apresentando uma forma de estabelecer o ofício por meio dos diferentes grupos religiosos. A partir dos elementos que se encontra em cada ambiente, das orações e da concepção de cada benzeira, o espaço da benzeção é configurado. Como apresenta Oliveira (1985), encontra-se a benzeção católica que é marcada pelo uso de orações como o Credo, Pai-Nosso e Ave-Maria juntamente com uma suplica de cura a um santo de devoção e a utilização de plantas e ervas; a benzeção crente identifica-se pelo estalar de dedos, expulsão de maus espíritos, a leitura da bíblia, a invocação das forças de Deus, Espírito Santo e Jesus com o uso de óleo unguído; a benzeção kardecista utiliza a presença de guias espirituais, terços, galhos de planta, realiza perguntas sobre o que o benzido está sentindo e prescreve banhos ou escalda pés se assemelhando a benzeção umbandista que carrega as representações desde o altar com imagens de santos, orixás, guias espirituais e velas, conta com a invocação de guias podendo ser caboclo, preto velho, baiano ou outros, modificando a voz e questionando novamente o problema, indicando uma solução para a enfermidade apresentada e por fim, assim como a benzeção católica utiliza galhos de ervas e prescreve banhos, chás, unguentos, escalda pés e outras formulas naturais.

Moura (2009, p.37) revela os simbolismos valiosos que estão presentes no perpassar do ritual de benzimento, em que “todos os elementos são partes constitutivas de um espetáculo: o local aonde se benze, os objetos, as orações e a expressão corporal. Benze-se não apenas com o poder da oração e os objetos sagrados, mas também com os gestos, com o semblante e com o olhar”. Observa-se o uso constante de termos como “livrar”, “afastar” e “cortar”, representando a supressão das mazelas apresentadas pelo benzido. Essas expressões são utilizadas com assistência de gesticulações, como o corte da doença cobreiro que é feito com o uso de uma faca ou tesoura cortando o galho ou um papel, a brasa com o copo de água para livrar do mau-olhado e a espada de São Jorge para afastar o quebranto (MOURA, 2009). É através da fé desses benzedores e dos benefícios provenientes da natureza que a cura do corpo e espírito são tratados, um saber transmitido pela oralidade e de geração em geração, sendo uma das admiráveis manifestações do popular.

#### 4. O BENZIMENTO ATRAVÉS DO CONTEMPORÂNEO

A cultura se baseia em valores que se expressam na linguagem, nas crenças, na maneira como observamos o mundo e o nosso redor, nossos conhecimentos sobre a natureza, a sociedade, comidas e tradições. Os valores e costumes nos dão sentido à existência, corroborando para a construção das relações entre grupos sociais e nos contextos históricos e antropológicos. Abandonar essas identidades e manifestações significa perder uma parte do nosso valor como indivíduos. A adaptação aos novos cenários é a chave para que os conhecimentos e tradições não se percam e caiam ao esquecimento, tendo a possibilidade de alcançar aqueles que se interessam pelo ofício e também para aqueles que possam se beneficiar deste cuidado com benzedores em prática ativa nos dias de hoje, utilizando de todas as ferramentas acessíveis proporcionadas pela modernidade.

Na contemporaneidade, a realidade se altera concedendo o surgimento do risco de extinção dos benzedores que se elucida pelos fatores de urbanização, o acesso amplo à medicina e a racionalização da religiosidade, gerando uma atenuação na quantidade de benzedoras e benzedores. Alguns fatores que podem ser destacados é o falecimento desses benzedores sem o compartilhamento do ensinamento desse ofício a outras pessoas da família ou vizinhos que tenham interesse em aprender ou esses benzedores optam por outra prática religiosa e acabam abandonando o benzimento por considerar a prática proibida pela bíblia. Todavia, mesmo com o avanço tecnológico e médico, a tradição perdura através do resgate de diversos jovens que se interessam e buscam se conectar com a ancestralidade.

Em decorrência da globalização, o benzimento encontrou uma fenda para se restabelecer no mundo moderno. Se no passado o benzimento se transmitia oralmente e de geração em geração, no presente é propagado pelos meios de comunicação tecnológicos. Neste sentido, as redes sociais são ferramentas muito utilizadas na transmissão desses saberes, colaborando para a proteção e preservação desses saberes em nossa sociedade. Na atualidade diversos grupos têm feito o trabalho de transmitir os conhecimentos desse ofício pela internet, se transformando em uma ferramenta que auxilia na disseminação em larga escala.

Os resultados das relações entre a cultura e globalização tem se expressado cada vez mais por meio das redes sociais, se tornando um grande meio de partilhar elementos culturais, de conduzir de volta à cena tradições reinventadas e obtendo uma aproximação entre grupos e pessoas, que por meio da internet, tiveram a possibilidade de construir um contato com essas memórias sagradas e afetuosa como os benzedores e suas práticas de cura. Está presente a manutenção dessa manifestação, com suas rezas e bênçãos ensinadas em cursos online, que torna necessário destacar que as benzedoras que ministram esses cursos são dessemelhantes do estreito de benzedora idosa, com idade avançada e fala branda. No ambiente virtual, as benzedoras são representadas por mulheres jovens, que estão

constantemente em contato com a internet e muitas não fazem parte de uma religião.

Entre diversos projetos, alguns exemplos é o Espaço Terapêutico Sementeira, fundado com o propósito inicial de práticas terapêuticas como yoga, xamanismo e outros, mas Angela, 65 anos, proprietária do espaço sentiu um chamado através do cachimbo para perpetuar o ofício do benzimento, que era uma prática que sua avó realizava, Maria Belo, a qual se tornou sua guia espiritual e a auxilia no resgate da prática. Outro espaço em Sorocaba que pratica o ofício do benzimento, é o Espaço Auto Cura, dirigido pela Maria Estela, 56 anos, porém o espaço se configura de outra forma, realizando benzimento apenas presencial, o espaço conta com a integração de outras práticas. Ambas já foram católicas, mas atualmente não participam de nenhuma, apenas simpatizam com a umbanda, universalismo e xamanismo.

Para Angela, o ofício veio por meio de rituais xamânicos com a presença espiritual de sua avó. Em uma entrevista realizada pelo Google Meet, ela conta como se ocorreu os processos até começar o benzimento.

O benzimento surgiu para mim em forma bem intuitiva, era um querer, mas era um chamado, um chamado da minha ancestralidade que eu não conhecia. Eu não sabia que tinha uma ancestral benzedeira, pois era escondido na família [...] mas, eu recebi sem saber que era ela. E eu comecei a querer saber, a conhecer as ervas e eu fazia bateção da erva e na bateção da erva eu comecei... eu tinha vontade de falar pra pessoas algumas coisas e não só aromaterapia, limpeza energética, eu queria falar, eu queria bendizer [...] só que eu dentro de uma crença de que só podia receber isso de uma ancestral, eu guardei um pouco... eu fiquei um pouco tímida [...] até que então eu vi um curso [...] curso para benzimento. (Angela)

Com Maria Estela, o benzimento surgiu de forma diferente, em meio a sua vontade e a mediação da espiritualidade, recebeu o chamado e iniciou as práticas de benzeção.

Comecei a sentir vontade de ter ervas plantadas no meu quintal arruda, alecrim, lavanda, etc. Livros de plantas e benzimento me chamavam atenção. Um belo dia ganhei de presente um banquinho que preto velho senta para fazer conversador, um costume dentro da umbanda. Ganhei outros apetrechos, e aí, comecei a benzer. O chamado chegou através dos presentes que fui ganhando, muitas imagens de santos, mudas de plantas, defumadores, pessoas para ajudar, etc. Quando me dei conta muitas pessoas já começaram a chegar em busca dos benzimentos. (Maria Estela)

No período atual, o benzimento se transmite de formas diferentes às quais eram comuns, tornando-se uma prática compartilhada por meio de cursos, livros ou pela espiritualidade. São as formas que a cultura da benzedura encontrou para continuar a prática, em meio a modernização e suas brechas, o benzimento descobre um caminho para florir e continuar a semear o ofício. A ancestralidade é um dos segredos que mantêm a continuação, através do chamado de pessoas da família que se foram e entram em conexão, o conhecimento é passado. A espiritualidade também encontra seu propósito por meio dos pretos velhos na incumbência de ensinar o ofício, assim como

conta Angela quando foi conhecer o curso de benzimento:

Antes de eu pré-julgar alguma coisa, eu fui conhecer o que é e quando cheguei nessa casa que é uma casa de umbanda, que era o pai da casa que estava dando, por que ele havia recebido isso como... uma missão de um preto velho dele, dizendo que o benzimento estava enfraquecendo e que aquilo precisava se retomar e ele recebeu aquilo como uma missão e ele falou: “mas como que eu vou fazer?” e ele [preto velho] disse: “passa as práticas através do que eu vou te orientar”. Então ele montou esse curso e eu fui lá [...] na primeira aula, eu fiquei encantada, porque ele mostrou vários vídeos de como o benzimento chegou para várias benzedoras e uma delas achou um livrinho no chão com os benzimentos e começou a ler, a ler, a ler e dali a pouco as pessoas começaram a bater na porta da casa dela perguntando se tinha uma benzedora. (Angela)

A partir desses cursos abrem-se possibilidades, não apenas para benzer, mas também para bendizer alimentos, a casa, aos familiares e filhos. Angela afirma que a benção é “bendizer para aquela pessoa que ela receba limpezas, purificações e energias positivas. Benzimento é energia”. Faz-se necessário ressaltar a possível difusão que o benzimento tem recebido na atualidade, visto que, muitos benzedores misturam o ofício com outras técnicas terapêuticas, como cristais, reiki e até mesmo o xamanismo que possui muitas práticas similares ao benzimento. Por serem benzedores mais jovens e estarem em constante estudos de diversas terapias alternativas que se assemelham à prática, produz-se uma conformidade com o sincretismo observado no período colonial advindo da globalização.

Neste contexto, o benzimento não se apresenta apenas como um dom, mas também pelo querer, todos que tiveram o desejo de se tornar benzedores ou conhecer os saberes dessa tradição, são permitidos. Angela diz:

Todas podem praticar, eu acreditava que era dom, cê lembra que eu contei lá no começo “como que eu vou benzer se eu nunca recebi?” é, mas independente dessa hereditariedade, dessa ancestralidade, era um querer, eu queria, eu sentia esse chamado, então, se você pode chamar o dom como chamado? pode, [...] se você se treinar dentro de uma disciplina, dentro de uma meditação, da interiorização, do autoconhecimento, você não vai só descobrir o dom do benzimento como vários dons [...] Eu não acredito que seja um dom que você receba de forma pronta, tem que ter conexão, quem não se conecta, pode ter a ancestral que for [...] se elas não se conectarem e não sentirem esse desejo, não vai surgir o benzimento para elas. Eu acho que o dom é você abrir a conexão. (Angela)

Com o início da pandemia decretada em 2020 pela Organização Mundial da Saúde, o benzimento precisou encontrar outras opções para levar à prática de cura as pessoas que procuravam, iniciando os benzimentos online, sendo a única opção possível. Entretanto, o acesso à internet é limitado a algumas pessoas de condições socioeconômicas seletivas, tanto em relação aos benzedores quanto dos benzidos. Desta forma, a internet beneficia uma parte da população que tem acesso a internet. Sobre a benção a distância, Angela diz que:

Uma nunca vai desqualificar a outra, ela vai só ajudar a ampliar, só ajudar, ela tem tendência a ajudar a distância, a tecnologia vai só tender a ajudar, mas eu acho que faz falta esse benzimento de chegar benzer, sentar no cantinho, receber o cheiro do cachimbo, o cheiro da erva, receber o óleo ungido na testa, aqui, no cardíaco [...] não tem como, então nunca vai substituir, mas mediante a essa evolução que a gente tá tendo, é uma ferramenta muito importante, o benzimento a distância [...] quando a gente não tem outro jeito de fazer [...], uma serve para determinadas pessoas e momento que a pessoa não pode estar presencialmente. (Angela)

Ao questionar o porquê as mulheres são o maior número de benzedores, Maria Estela diz que a “mulher tem o instinto material, já nasce querendo cuidar, ser mãe, genitora, é próprio do instinto feminino”, isso se ocorre provavelmente porque as mulheres sempre estiveram mais próximas das atividades domésticas e do cuidado dos doentes e crianças, logo, trabalharam com muita dedicação na preparação de alimentos, são conhecedoras das doenças, dores e partos, à vista disso, foram vistas com maior confiança e liderança nesses âmbitos.

O ofício é praticado muitas vezes dentro da família, mas muitos se perdem em decorrência do desinteresse de muitos descendentes. Angela diz que ensinou suas filhas a fazerem algumas orações, manipular algumas ervas, fazer banhos de ervas e elas praticam, mas ela não sabe se elas irão querer fazer parte do ofício, porém o campo está aberto para compartilhar com elas esses ensinamentos, se tornando algo livre e não uma obrigação.

Dado os fatos, a busca pela preservação das tradições pelas novas benzedoras age por meio da internet, onde se configura o sincretismo, elemento importante na adaptação desse ofício e que mesmo tempo que difere das benzedoras antigas, também se criam encontram seu caminho no sincretismo. As benzedoras atuais trazem uma bagagem de experiências espirituais consigo, como xamanismo, reiki, espiritualidade quântica e outras que dispõem de uma atribuição importante na vida de uma fração da população que preserva os usos tradicionais em consolidar relações com o sagrado.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das discussões apresentadas ao longo desta monografia intencionou-se apresentar algumas reflexões sobre o estudo das identidades culturais de benzimento em diferentes tradições e costumes ligados ou não à uma religião específica, tentando ultrapassar a complexidade teórica de relacionar indivíduos inseridos em círculos culturais de múltiplas tradições sob as perspectivas dos estudos culturais e pós-coloniais.

As características do ofício dos benzimentos foram analisadas como traço na construção das identidades culturais coletivas dos grupos sociais a que pertencem. O sincretismo religioso representado pelo benzimento, comprova a convivência entre as religiões diferentes, que, no entanto, podem ser trabalhadas no conjunto para a ajuda a quem precisa quando se trata de atender a quem vêm à procura dos tratamentos tradicionais.

Foi possível constatar, após o estudo das origens do ofício do benzimento e sua progressão com o passar dos séculos, que a modernização foi fator importantíssimo para podar uma adaptação das práticas do benzimento acerca de todas adversidades em seu caminho, citando as perseguições ou a falta de recursos nas mais variadas situações sociais.

Em diferentes cenários de tempo, principalmente atualmente com a modernização, é possível colocar em consideração de que não somente existe o conhecimento hereditário do benzimento passado por gerações, mas também o escolher do ofício do benzimento (inclusive até através de cursos na internet, o que realmente é promissor), e até mesmo chamados religiosos para tal tarefa, mostrando que assim, a adaptação da vivência do benzimento através dos tempos apresenta grande resistência de sua extinção. As redes sociais têm acentuando a importância e a simbologia do ofício, auxiliando na disseminação da memória e colaborando para sua resistência e sobrevivência em mais algumas gerações.

Antes mesmo de conhecer acerca da prática do benzimento, foi necessário inserir o contexto da origem desta mesma, desde os primórdios, a fim de contextualizar onde tal prática se encaixou inicialmente, desde seu surgimento até a era atual, e de todos caminhos percorridos. Assim, faz-se necessário analisar em primeiro momento a antropologia e investigar a origem da conexão do Homem com o sagrado, compreendendo como originou a construção de crenças espirituais e tendo a perspectiva de quando foi reconhecida a importância entre esse elo.

Por fim, é interessante destacar acerca de tudo que foi apontado, que quando as necessidades dos demandados por enfermidades espirituais ou físicas não se encerram por intermédio da Virgem Maria ou a Santíssima Cruz, pode ser o momento de clamar por Zé Pilintra ou Preta Velha Maria Redonda. No final o que importa é ter fé na benção recebida, pois, a fé não costuma “faiá”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**. São Paulo: Pioneira, 1960.  
 \_\_\_\_\_ . **Candomblé da Bahia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- CAMARGO, M. T. L. de A. **Amansa senhor – a arma dos negros contra os seus senhores**. Revista Pós Ciências Sociais, São Luís, v.4, n.8, p.31-42, 2007.
- CAMINHA, Pero Vaz de. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. [S.l.]: Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/livros\\_eletronicos/carta.pdf](http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/carta.pdf). Acesso em: 23 fev. 2023.
- COSTA, Sebastião Heber Vieira. Alguns aspectos da religiosidade afro-brasileira em vista de uma adequada pastoral da iniciação cristã. In: BRANDÃO, Sylvana. **História das Religiões no Brasil**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2001.
- DEL PRIORE, Mary. Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino. In: **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- ELIADE, Mircea. **Origens: História e Sentido na Religião**. Lisboa: Edições 70, 1969.  
 \_\_\_\_\_ . **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.
- HOORNAERT, Eduardo. **Formação do catolicismo brasileiro, 1550-1800**. Petrópolis: Vozes, 1974.
- KRAEMER, Heinrich; SPRENGER, James. **O Martelo das Feiticeiras**. Trad. Paulo Fróes. 28º ed. Rio de Janeiro: Record, 2017. 530 p.
- KRUTA, Venceslas. **Os celtas**. Paris: Presses Universitaires de France, 1976. Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1989. 115 p. (Coleção Universidade Hoje).
- LE MOS, Carolina Teles (Org.). O perfil de uma benzedeira: aliança entre chás, “provas” e partos no cotidiano da vida camponesa. In: AUGUSTO, Adailton Maciel (coord.). **Ainda o Sagrado Selvagem**. São Paulo: Fonte Editorial; Paulinas, 2010. pp. 302-320.
- MACEDO, Emiliano Unzer. **Religiosidade popular brasileira colonial: um retrato sincrético**. Revista *Ágora*, [S. l.], n. 7, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/agora/article/view/1918>. Acesso em: 5 mar. 2023.
- MENEZES, Javert de. **A arte do benzimento: Orações, Rezas, Benzeduras**. 4. ed. São Paulo: Alfabeto, 2019
- MOURA, Elen Cristina Dias de. **Entre ramos e rezas: o ritual de benzeção em São Luiz do Paraitinga, de 1950 a 2008**. 2009. 208f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2009.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. **O que é benzeção**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos, 31).

QUINTANA, Alberto Manuel. **A ciência de benzedura: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise**. Bauru, SP: EDUSC, 1999

SATRIANI, Luigi M. Lombardi. **Antropologia Cultural e análise da cultura subalterna**. Tradução de Josildeth Gomes Consorte. São Paulo: Editora HUCITEC, 1986.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a terra de Santa Cruz – feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

TULLIO, Theresa. **O Livro das Rezas: Manual Da Benzedeira**. Rio de Janeiro, RJ: Vila de Beroë, 2014.

VAZ FILHO, Florêncio A. **Pajés, Benzedores, Puxadores e Parteiras: os imprescindíveis sacerdotes do povo na Amazônia**. Santarém, Ed. UFOPA, 2016.